



[Atribuição BB CY 4.0](#)

BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM OS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DOS REPOSITÓRIOS DIGITAIS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BAIANAS (2012-2022)?

Míghian Danae Ferreira Nunes¹
Adelma Costa dos Santos²

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada na finalização do curso de pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Malês (BA) e teve como objetivo identificar, nos repositórios digitais da universidades federais baianas – Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Universidade Federal do Oeste da Bahia, Universidade Federal do Sul da Bahia e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – trabalhos de conclusão de curso (TCC) de pedagogia, depositados entre os anos de 2012 a 2022, que abordaram o tema das brincadeiras africanas e afro-brasileiras na educação infantil. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica exploratória e os dois artigos encontrados ao final da investigação apresentam as brincadeiras africanas e afro-brasileiras como importantes para o desenvolvimento integral das crianças na educação infantil, pois colaboram para a socialização com o mundo também a partir da pertença étnico-racial.

¹ Professora da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Malês (BA). E-mail: mighiandanae@unilab.edu.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Malês (BA). Email:adelmaob@hotmail.com.br

Palavras-chave

Brincadeiras; Brincadeiras africanas e afro-brasileiras; Educação Infantil; Lei 10.639/2003.

Recebido em: 01/04/2025
Aprovado em: 18/07/2025

AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN GAMES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: WHAT DO THE FINAL COURSEWORKS IN THE DIGITAL REPOSITORIES OF FEDERAL UNIVERSITIES IN BAHIA (2012-2022) SAY?

Abstract

This article is the result of research conducted at the end of the Pedagogy course at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), Malês Campus (BA). It aimed to identify, in the digital repositories of the federal universities of Bahia—Federal University of Bahia, Federal University of Recôncavo da Bahia, Federal University of Western Bahia, Federal University of Southern Bahia, and the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony—graduate coursework (TCC) in Pedagogy, deposited between 2012 and 2022, that addressed the topic of African and Afro-Brazilian games in early childhood education. The methodology adopted was exploratory bibliographic research, and the two articles found at the end of the investigation present African and Afro-Brazilian games as important for the integral development of children in early childhood education, as they contribute to socialization with the world, also based on ethnic-racial belonging.

Keywords

Play, African plays and Afro Brazilian; Child Education; Law 10.639/2003.

O presente artigo é fruto de uma pesquisa para finalização do curso de pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e tem por objetivo identificar, nos repositórios das universidades federais da Bahia, a saber, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), os trabalhos de conclusão de curso depositados entre 2012 a 2022 que tenham abordado o tema das brincadeiras africanas e afro-brasileiras na educação infantil. O intuito da pesquisa foi o de observar se e como este tema tem sido desenvolvido nos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) de pedagogia.

Escolhemos estudar os trabalhos de conclusão de curso porque entendemos que a formação inicial é um ponto de partida importante para compreender como as concepções de educação presentes nas Diretrizes Nacionais para o Curso de Licenciatura em Pedagogia (2006) estão sendo absorvidas pela licenciatura em questão. Acreditamos que as escolhas dos temas para os TCCs estão relacionadas com 1) à formação que as estudantes³ de pedagogia tiveram acesso durante o curso, 2) aquilo com o que as estudantes mais se identificaram durante o curso e 3) aquilo que as estudantes e professoras se mostram mais propensas a orientar neste momento da carreira acadêmica. De posse destas hipóteses, miramos nos TCCs por entender que eles poderiam nos mostrar algo sobre as intencionalidades dos cursos de pedagogia e os impactos que estas teriam sobre as escolhas feitas.

A escolha deste tema se deu, ainda, pela importância que há para o debate da educação para as relações étnico-raciais para a educação infantil; lembramos que a Lei nº 10.639/03 determinou a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de educação básica do país, o que inclui a educação infantil. Nesta etapa da educação, um dos eixos fundamentais é a brincadeira (Brasil, 1998) e, assim como a implementação da Lei é obrigatória para a educação básica, fazer valer os eixos fundamentais da educação infantil expressos nas Diretrizes Curriculares

³ As mulheres são maioria das profissionais (79%) na Educação Básica (Censo Escolar, 2023) e, por isso, escolhemos usar os artigos no feminino neste texto, de modo a valorizar esta representação.

Nacionais para esta etapa (DCNEI, Brasil, 2010) também é. Para isso, necessitamos que estudos sobre a temática sejam realizados, de modo a contribuir para a qualidade na educação infantil, o que pode englobar diversos fatores tais como: formação para as(os) professoras(es), a infraestrutura do espaço educativo, os materiais disponíveis em sala de aula para as crianças, entre outros. Pinto e Nunes (2022, p. 16) reforçam que “é importante a brincadeira na educação infantil, pois percebemos que, muitas vezes, esta prática tem sido vista como inferior à aquisição da linguagem escrita”.

Como Reis, Oliveira e Silva (2018), entendemos que falar da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) é falar de uma educação que seja direcionada para todas as pessoas e que fortaleça também o pertencimento da identidade negra e o reconhecimento de si e vemos a brincadeira como mais um elemento que pode colaborar com esta valorização, algo que pode ser feito por instituições educativas para crianças pequenas. Para que tal ação aconteça desde muito cedo na educação, é necessário que pensemos uma perspectiva educacional que se sustente no acolhimento da diferença e na celebração da diversidade, ações que podem se traduzir na incorporação de brincadeiras africanas e afro-brasileiras desde a educação infantil.

Neste texto, defendemos, assim como Castanheira, Neves e Gouveia (2015) que brincar e ter acesso ao letramento/alfabetização na educação infantil são igualmente importantes e colaboram para o desenvolvimento integral da criança. Não temos motivos, portanto, para renunciar à brincadeira na Educação Infantil: ela é um importante lugar de aprendizagem (Nunes, Pinto, 2022).

O artigo está dividido em três seções: na primeira apresentamos alguns conceitos-chaves para entender a pesquisa, tais como brincadeiras, educação infantil, brincadeiras africanas e afro-brasileiras; além disso, apresentaremos a Lei nº 10.639/03 e as Diretrizes da Lei Educação das Relações Étnico-Raciais (2004), pois são legislações em que vemos parte de nosso fundamento teórico em diálogo com o ambiente educativo para crianças pequenas. Na segunda seção, apresentaremos a metodologia do trabalho, com todo percurso feito para a elaboração desta pesquisa, os passos dados para encontrar os artigos com este tema, quais as fontes pesquisadas, entre outros. Na terceira seção, apresentaremos os resultados encontrados com a realização desta pesquisa.

Passaremos agora para a primeira seção deste artigo.

1. Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras: a importância para a Educação Infantil

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010), estabelecem que “as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo assegurando o respeito, a valorização, o reconhecimento e a comunicação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combater a discriminação” (Art. nº 8, 2010, p. 21) e “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (Art. nº 11, 2010, p. 25).

Ao combinarmos as afirmações apresentadas nos artigos acima, podemos inferir que ao afirmar que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, é esperado que estes eixos possam garantir experiências que possibilitem um aprendizado sobre a diferença com ética com outras crianças e adultas(os) e grupos culturais, ampliando suas referências pessoais no diálogo com a diversidade, promovendo o relacionamento e a interação das crianças com diversas manifestações das ciências e das artes. Reforçamos ainda que, na educação infantil, a educação das relações étnico-raciais se dá a partir da assunção de linguagens interativas que abordem a diferença como um espaço rico para aprendizagem e convivência democrática, e afirmamos que tal concepção pode se dar também a partir das brincadeiras africanas e afro-brasileiras (Dias, 2012; Silva, 2020).

A importância da apresentação dos temas recorrentes da história e cultura africana e afro-brasileira para crianças desde a educação infantil não deve se limitar à população negra; entendemos que este tema diz respeito a todos(as) os(as) brasileiros(os), uma vez que devemos educar para a cidadania, para que sejamos atuantes na sociedade multicultural e pluriétnica, na construção de uma nação democrática. Silva *et al* (2016, p. 424) afirmam que:

Sabemos, portanto, que não basta apenas dar as ferramentas para o trabalho, no caso uma educação de qualidade e sem discriminações, mas é preciso ensinar a usá-las, e no caso dos professores o desafio e a responsabilidade se tornam ainda maiores, já que a educação é a base para a construção de uma sociedade mais justa e menos discriminatória, para que, enfim, as diferenças culturais sejam respeitadas.

A brincadeira é um conceito chave para compreendermos a importância de realizarmos esta pesquisa. Escolhemos apresentar este conceito a partir dos artigos encontrados nesta investigação. Segundo Queiroz (2003, citado por Tavares, 2022, p. 8), brincadeira é “atividade física ou mental que se faz de maneira espontânea e que proporciona prazer a quem executa” (p. 158). Já Schutz e Souza (2018, citado por Tavares, 2022, p. 10) declaram que “as brincadeiras desenvolvem várias possibilidades essenciais do ser humano, além da interação. Através da mesma é possível proporcionar momentos que colaboram com a percepção, criatividade, concentração, atenção, linguagem e outras habilidades importantes para o desenvolvimento das crianças”.

Para Bâ (2010, citado por Tavares, p. 8), tanto os jogos como as brincadeiras são relevantes para crianças e adultos pelo fato de despertarem a alegria de quem brinca e joga, além de carregarem uma dimensão educativa que proporciona bons momentos, contemplando o desenvolvimento emocional e social das crianças e adultos. A autora Cá (2020, p. 2) afirma:

Jogos e brincadeiras têm sido importantes aliados da educação, no estímulo do desenvolvimento cognitivo, da oralidade e da interação social da criança, pois são as principais paixões e meios de interação na infância. Logo, reconhecemos a importância destes na educação como ferramenta que contribui para o melhor desenvolvimento da criança, seja dentro das práticas pedagógicas escolares, ou quando presente dentro de uma determinada comunidade ou cultura, pois gera possibilidades de ensino/aprendizagem dentro do espaço no qual a criança está inserida.

Ao realizar a brincadeira, as crianças vão socializando umas com as outras, construindo um laço de amizade e interação com outras crianças. Piaget (1971) afirma que, quando a criança brinca, assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui. Para ele, o brincar deve ser uma atividade livre e espontânea e isso é responsável pelo desenvolvimento físico, mental, moral e cognitivo das crianças.

Oliveira (2016) cita os aspectos ligados à infância e dá ênfase ao brincar na educação infantil. Para a autora, “a brincadeira é fundamental para a criança se expressar, definir como ela pensa e aprender a lidar com o mundo e criar situações para o cotidiano” (p. 4). Segundo a autora, no brincar, a criança desenvolve habilidades necessárias para a socialização, se relacionando e interagindo com outras crianças ou com adultos, ou seja, no ato de brincar ela

aprende a conviver em sociedade. Ainda sobre o tema e de acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998, vol. I, p. 27):

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa além daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando. Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca.

Vemos assim que o brincar para as crianças não é algo inferior ou de menor valor como nós adultas(os) muitas vezes classificamos a ação, pois é através dela que a criança se comunica com ela mesma e com o mundo à sua volta.

E o que seriam as brincadeiras africanas, dado que, por conta da diáspora negra que acontece no Brasil desde a época da escravização (Heywood, 2008) e por não termos registros historiográficos de muitas das experiências das pessoas que foram escravizadas nesse país, fica difícil definir quais seriam as brincadeiras africanas que estariam presentes no Brasil de hoje⁴? Escolhemos considerar como brincadeiras africanas aquelas que foram trazidas para o Brasil pelos(as) escravizados(as) e transmitidas ao longo das gerações, são jogos e atividades que expressam a cultura dos povos africanos que aqui chegaram, estimulando a consciência corporal, a memória e o trabalho em grupo; já o que estamos considerando como brincadeiras afro-brasileiras são aquelas que se originaram das brincadeiras africanas e se transformaram no Brasil.

Entendemos que não podemos precisar quais e quantas são as brincadeiras africanas e afro-brasileiras que temos, mas uma tentativa de tornar visível este legado foi a pesquisa que deu origem ao livro “Catálogo de Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras” (2021), organizado por Luciana Silva, Helen Pinto e Míghian Danae. Nele, as pesquisadoras ouviram pessoas no Brasil e em países africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)⁵ perguntando quais brincadeiras elas brincavam quando eram crianças ou que ainda brincavam. O catálogo possui 81 brincadeiras de todos os países e as brincadeiras que vemos

⁴ Como exemplo da falta de dados sobre esse tema em específico, citamos um grosso livro sobre a vida dos escravos do Rio de Janeiro, em que a pesquisadora Mary Karasch (2000) passa em revista várias das dimensões da experiência humana das pessoas escravizadas; não há, contudo, nenhuma referência aos jogos e brincadeiras realizados por pessoas escravizadas, incluindo as crianças, k. Ousamos dizer que esse fato – a falta de registro historiográfico sobre jogos e brincadeiras no tempo da escravização – se dá também porque ele é visto como um tema menor na historiografia brasileira.

⁵ São eles: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe

praticadas aqui e nos países da integração ou são muito parecidas entre si demonstram a relação entre os países e a história deles⁶.

Com base em pesquisa realizada em diversas redes municipais pelo Brasil (Benedito, Carneiro e Portella, 2023), podemos afirmar que, nas instituições escolares brasileiras de educação infantil, aquilo que consideramos jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras, assim como a história e cultura do continente africano não são devidamente abordados em sala de aula, pois para abordar este tema faz-se necessário que as(os) professor(as)es conheçam a importância dos africanos(as) e afro-brasileiros(as) para a história e cultura brasileira.

Guedes, Nunes e Andrade (2013, p. 423) mencionam ainda que

[...] é importante encontrar uma maneira correta de abordar determinada questão, para não cair na redundância ou comodismo de trabalhar assuntos rotineiros de “caráter conteudista”, como por exemplo, limitar o estudo do negro no Brasil ao período escravagista, despertando a falsa impressão de que não foi deixado um legado cultural, com apenas sua força de trabalho se fazendo presente.

Percebemos também que ao discutirmos temáticas relacionadas à educação das relações étnico-raciais, raça e racismo em formação de professoras(es) que atuam nas instituições de educação infantil, ainda encontramos muita resistência, o que colabora para que as crianças negras sofram com o racismo em ambientes educativos (Marinho, Martins, 2016; Silva, 2020). Para que essa situação se resolva, é importante que os(as) profissionais que atuam nesses espaços valorizem essa diversidade, proporcionando às crianças negras(os) as mesmas condições de crescimento intelectual e social que os(as) demais.

Nesse contexto, não podemos deixar de mencionar a importância dos jogos e brincadeiras africanas, pois elas auxiliam na valorização das crianças negras inseridas no ambiente escolar, na educação infantil e nos demais níveis de escolarização. Para Mochi (2019), a inserção desse tema nas instituições escolares por meio de atividades lúdicas, isto é, por meio de jogos e brincadeiras é uma possibilidade de as crianças conhecerem o legado africano afro-brasileiro de forma prazerosa.

⁶ Outros livros que tratam da temática podem ser encontrados nas referências bibliográficas do referido Catálogo. Aqui, mencionamos o *e-book* da pesquisadora Débora Cunha (2016) intitulado *Brincadeiras africanas para a educação cultural*, por ter sido um dos pioneiros a abordar a temática.

A partir destas afirmações, compreende-se que as brincadeiras africanas possibilitam às crianças brasileiras o conhecimento das tradições dos povos africanos, povos que contribuíram para a formação do nosso país. Além disso, conhecer a história da população negra, história esta que é a história de muitas das crianças presentes nas instituições de educação infantil, pode auxiliar na construção da autoestima destas crianças, que podem se sentir inferiores por não se verem presentes nas atividades propostas pela instituição (Santos, Sanches, 2011). Trabalhar pedagogicamente com as brincadeiras africanas no dia a dia da educação infantil poderá trazer inúmeros benefícios, pois a criança aprenderá de maneira divertida e educativa, estimulando a interação e a cooperação e, ainda, valorizando a origem da brincadeira, o que demonstra relação com princípios que a educação das relações étnico-raciais defende para a promoção de uma educação infantil de qualidade (Brasil, 2004).

As instituições de educação infantil representam espaços que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento global das crianças, oportunizando às mesmas o acesso a ambientes organizados e pensados para atender às necessidades infantis, como: brinquedotecas, sala de jogos e outros. Endossamos, assim, que a falta desses espaços não impede a realização dessas atividades, que podem ser desenvolvidas no parquinho, no pátio e na sala de referência (Mochi, 2019).

No Brasil, as brincadeiras e as interações são os eixos fundamentais das propostas pedagógicas da educação infantil, para garantir experiências e situações de aprendizagem diversas, conforme a Lei de Diretrizes e Bases (1996), ajudando assim, no aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da sociedade.

Todos os conceitos e o debate teórico que empreendemos até aqui buscou apresentar qual é a importância de realizarmos estudos sobre os jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras na educação infantil. Nosso interesse está em, ao referendar a realização desta pesquisa, colaborar para reforçar as discussões que temos sobre o tema, trazendo os pontos de vista que já estão presentes na(s) área(s) de conhecimento vinculadas a estes temas; além disso, nossa intenção é também defender que a educação das relações étnico-raciais seja apresentada às crianças através de outras linguagens que não apenas a literatura, área que tem demonstrado uma pequena mudança de cenário no que diz respeito às representações da população negra (Araújo, 2018). Estudar os jogos e

brincadeiras africanas e afro-brasileiras tem por objetivo colocar à disposição das crianças um rico material que contém EREER e também áreas como música e movimento, por exemplo, ampliando a experiências a partir do pertencimento e da valorização étnico-racial desde a educação infantil.

A partir de agora, iremos para a segunda seção, que apresentará a metodologia da pesquisa realizada.

2. “Brincadeira, cadê você?”: um caminho metodológico para encontrá-la

Esta é uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008), tem o intuito de desenvolver estudos a partir de materiais já elaborados e que permite que o(a) pesquisador(a) alcance muitos conhecimentos e resultados, sem precisar ir a campo. Identificamos este estudo como exploratório, que tem como objetivo conhecer especificamente um assunto e se familiarizar com o problema que está sendo pesquisado (Gil, 2008). Segundo Souza, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é primordial para os campos de conhecimento, uma vez que permite conhecer melhor um fenômeno e como ele tem sido estudado em sua área. Para esta pesquisa bibliográfica, escolhemos estudar pesquisas em nível de graduação disponíveis nos repositórios digitais das universidades federais baianas; a intenção seria apropriarmos-nos do conteúdo dos trabalhos de conclusão de curso a partir da leitura e realizar a sistematização do material encontrado, apresentando análises dos resultados das pesquisas.

A pesquisa que deu origem a este artigo, assim, envolveu a leitura, análise e interpretação do material eletrônico selecionado a partir de critérios previamente organizados, realizando assim a busca de trabalhos de conclusão de curso de pedagogia depositados nos repositórios digitais das universidades federais baianas (2012-2022) que abordaram as temáticas das brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Para realizar esta pesquisa, escolhemos os descritores “brincadeiras africanas” e “brincadeiras afro-brasileiras”. Para Vieira (2016), os descritores são referências para a escolha do item que deverá compor o tema, sendo eles elementos que direcionam os procedimentos de leitura.

Foram pesquisados os repositórios das universidades federais da Bahia, a saber, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Oeste da Bahia

(UFOB), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) entre os anos de 2012 a 2022. Escolheu-se uma década por considerarmos que, após quase dez anos da promulgação da Lei 10.639/2003, poderíamos encontrar algum material para analisar, fruto também dos debates produzidos por conta da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2004); tínhamos ainda, a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (2010), que reforçava os eixos fundamentais da Educação Infantil, a saber, a brincadeira e as interações, estes defendidos desde os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) e também traz em seu texto, referências ao trabalho com diversidade étnico-racial.

Para a realização da pesquisa, acessamos os repositórios digitais das universidades escolhidas. No campo em que deveríamos escrever o “assunto” das pesquisas que buscávamos nos repositórios, inserimos as palavras-chave sozinhas ou combinadas - brincadeiras africanas, brincadeiras afro-brasileiras ou brincadeiras africanas e afro-brasileiras. É importante dizer que utilizamos também o *Pergamum*⁷ para encontrar os trabalhos de conclusão de curso.

Os critérios de inclusão para seleção dos materiais foram:

- a) ser um trabalho de conclusão do curso de pedagogia das universidades já citadas;
- b) conter no título ou resumo as palavras brincadeiras africanas e afro-brasileiras;
- c) terem sido produzidas entre 2012 e 2022.

Já os critérios de exclusão foram:

- a) ser trabalho de conclusão de outros cursos de graduação que não pedagogia;
- b) não citar as palavras africanas e afrobrasileiras no título ou resumo;
- c) terem sido produzidas antes de 2012 ou depois de 2022.

Durante a busca, foram encontradas algumas pesquisas sobre brincadeiras na educação infantil, mas não eram voltadas para a temática desta pesquisa, a saber, as brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Através da leitura

⁷ O *Pergamum* é um sistema de gerenciamento integrado do acervo bibliográfico existente nas bibliotecas das universidades, que disponibiliza acesso aos arquivos existentes da universidade como uma alternativa a mais para a busca. Inicialmente, não havíamos pensado em fazê-lo, mas, visto que não encontrei trabalhos nos repositórios, decidi fazê-lo.

do resumo do trabalho, observamos se ele trazia algo que pudesse ser usado para a pesquisa; quando a leitura do resumo não indicava vínculo com a pesquisa, era descartada. Desse modo, podemos afirmar que **não encontramos nenhum trabalho de conclusão de curso entre 2012 e 2022 sobre brincadeiras africanas e afro-brasileiras nos repositórios digitais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).**

Sobre esta afirmação, gostaríamos de reforçar que, apesar de entendermos que seja possível haver TCCs que tratem da temática nestas universidades, eles não foram encontrados a partir do mecanismo de busca realizado, um mecanismo que existe justamente para dar resultados no que tange à pesquisa em repositórios digitais, ação esta que é realizada a todo o tempo, seja por um público acadêmico ou não. Um exemplo disto é que, na UNILAB, a universidade em que sabíamos que haviam os dois TCCs na modalidade artigo que apresentaremos aqui, eles não apareciam na busca feita⁸. Chamamos atenção para este fato porque talvez seja necessário a otimização desta ferramenta de pesquisa, visto que ela é difundida até mesmo entre o público não acadêmico, para que o acesso aos materiais existentes possa acontecer de modo mais simples e rápido.

É importante dizer, ainda, que os repositórios digitais não oferecem uma padronização no quesito busca em seus portais, o que faz com que as pesquisas tenham de usar caminhos diferentes para chegar ao mesmo lugar, qual seja, os trabalhos de conclusão de curso em pedagogia. Informamos ainda que, em todos os repositórios visitados, encontramos dificuldades para fazer a pesquisa.

Os TCCs na modalidade artigo científico produzidos no âmbito do curso de pedagogia da UNILAB e que eram conhecidos por uma das autoras deste artigo são: *“Kuma ku nó pudi aprendi na djugos ku brincadeiras de Guiné-*

⁸ Entramos em contato com o setor responsável pelo depósito dos trabalhos acadêmicos da UNILAB, a biblioteca do Malês, através de *email* no dia 06 de março de 2024. Procuramos saber o porquê de tais TCCs não se encontrarem no repositório ou no acesso pelo *Pergamum* e recebemos a informação de que o sistema estava passando por modificações naquele período. Como tínhamos os nomes dos artigos, a funcionária da biblioteca enviou os *links* dos TCCs que já conhecíamos.

Bissau: possibilidades de ensino/aprendizagem”, de Natália Cá (2020) e *Kuma ku ta brinca na bu mininesa: A percepção dos estudantes guineenses e brasileiros sobre os jogos e brincadeiras na infância*, de Yacine Tavares (2022).

Enquanto realizávamos as buscas, lendo teses e dissertações que haviam realizado pesquisas bibliográficas e tratavam de temáticas relacionadas, nos deparamos com o método Correio Nagô. Percebemos, assim, que conhecer pesquisas que não se encontram listadas em repositórios não é algo incomum: a pesquisadora Schiessl (2023), em sua pesquisa de doutorado, afirma isso e, assim, optou pelo método Correio Nagô, criado no grupo de pesquisa *Erêyá*. Schiessl (2023) explica em sua tese que a ideia de um método chamado de Correio Nagô se constrói por meio da palavra “correio” – uma palavra que está associada a trânsito, ao movimento do levar, do trazer e do espriar – e do termo “nagô”, que faz referências a um povo africano.

Segundo a autora, a escolha dessa expressão para identificar este método de busca dá-se porque, em muitos terreiros de candomblé, lugares de preservação de nossa memória, chamamos Correio Nagô o ato de consolidar uma notícia espalhada através do “boca a boca”; Schiessl (2023) faz uso dessa técnica ao ter dificuldade de encontrar pesquisas sobre os temas necessários para realização da pesquisa que realizava; por meio desta técnica, assim como nós, sua pesquisa conseguiu localizar materiais que não apareceram na busca dos repositórios digitais e que, assim como os nossos, se tornaram importantes para apresentar uma reflexão sobre o tema escolhido.

A necessidade de construir outros procedimentos e a utilização de técnicas que possibilitam a análise e o tratamento dos dados empíricos foram motivos pelos quais o grupo de pesquisa citado buscou novas formas de encontrar as pesquisas, na tentativa de “assegurar o compromisso político com os grupos em desvantagem social, notadamente, crianças e infâncias negras e mulheres negras” (Dias, 2025, p. 5). Tais objetivos coadunam-se com os objetivos previstos para esta pesquisa e, ainda que entendamos que é possível que mais trabalhos de conclusão de curso sobre os temas não tenham sido encontrados no modelo escolhido para a realização da pesquisa, não poderíamos deixar de apresentar aqueles que conhecemos, para análise, discussão e, porque não dizer, divulgação de um material importante para pensarmos a educação infantil e a educação das relações étnico-raciais.

É importante salientar que, quando percebemos que conhecíamos apenas dois artigos, optamos por incluir um trabalho que, ainda que não tivesse as palavras africanas e/ou afro-brasileiras no título e no resumo, tinha sido escrito no contexto do país africano Guiné-Bissau, algo que não havíamos encontrado nos demais trabalhos que descartamos de outras universidades. Com a explanação da metodologia nesta seção, passaremos aos resultados e discussão na terceira e última seção.

3. Brincadeiras africanas e afro-brasileiras na educação infantil nos trabalhos de conclusão de curso de pedagogia? Achou!

64

Nesta seção, analisaremos os dois artigos selecionados e como eles apresentam o tema em estudo neste artigo. Antes disso, porém, queremos destacar a ausência do tema nos repositórios das universidades de um estado com uma população da maioria negra. Segundo dados do IBGE (2022), 23,9% da população do estado é preta, 56,9% são pardos, 18,0% de brancos e menos de 1,2% de amarelos e indígenas; se olharmos para estes números e para as legislações que obrigam o ensino e a cultura africana e afro-brasileiras, podemos afirmar que não estamos dando atenção devida à temática. Ainda que saibamos que pode haver trabalhos que não foram encontrados nos repositórios como os citados acima, entendemos que, ainda assim, continua a existir uma invisibilidade da temática escolhida para esta pesquisa nas universidades brasileiras, mesmo com as políticas de ação afirmativa na educação e com as legislações que defendem a história e a cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Precisamos ecoar com mais firmeza estas questões, para que o debate étnico-racial não caia no esquecimento. Ao mesmo tempo, reforçamos aqui a importância que é ter a UNILAB presente em nosso estado, pois a universidade, com sua missão institucional, acaba por colaborar com a produção acadêmica sobre nossos territórios e a diáspora (Gomes, Lima e Santos, 2018).

Ao não encontrarmos apenas dois TCCs que versavam sobre o tema, as hipóteses que tínhamos no início da pesquisa continuam a ecoar em nossa mente, quais sejam: 1. as(os) estudantes não escolhem a temática por falta de conhecimento da importância do tema e 2. não há especialistas para orientar a temática. A falta de identificação das(os) estudantes com as temáticas pode se dar, em parte, por conta do desconhecimento de como estudá-las. Pesquisas

sobre projetos políticos dos cursos de pedagogia, componentes curriculares e análise dos currículos das professoras universitárias que compõem os quadros dos cursos de pedagogia no Brasil poderão fornecer mais pistas sobre esta temática.

Como já informado, os trabalhos encontrados foram “*Kuma ku nó pudi aprendi na djugos ku brincadeira de Guiné-Bissau*”: possibilidades de ensino/aprendizagem, de Natália Cá (2020) e “*Kuma ku ta brinca na bu mininesa*”: a percepção dos estudantes guineenses e brasileiros(as) sobre os jogos e brincadeiras na infância”, de Yacine Tavares (2023). O primeiro ressalta a relevância e benefícios que os jogos e brincadeiras podem proporcionar ao desenvolvimento cognitivo e psicomotor da criança, a sociabilidade e outros conhecimentos que são adquiridos durante o tempo que ela está brincando com os amigos. Além disso, o artigo defende que sejam preservados e valorizados os jogos e brincadeiras que fizeram parte da infância de muitos(as) guineenses, que com o passar do tempo estão sendo menos praticados (Cá, 2020). A pretensão dessa pesquisa seria a de incentivar os(as) educandos(as) em formação para o uso pedagógico de jogos e das brincadeiras tradicionais de Guiné-Bissau, como uma estratégia para o processo de ensino/ aprendizagem.

Para Cá (2020), a criança deve ser apresentada desde cedo às brincadeiras que fazem parte da sociedade ou da sua cultura, para que tenha essas práticas como referencial no brincar; no texto, há a afirmação que os jogos e brincadeiras são importantes aliados da educação, no estímulo do desenvolvimento cognitivo, da oralidade e da interação social da criança. O texto apresenta de que forma podemos preservar e valorizar os jogos e brincadeiras que fizeram parte da infância de muitos(as) guineenses pois, para ela, a partir das análises, percebe-se que a dificuldade que vemos ainda hoje para a compreensão das brincadeiras como parte importante da educação infantil reside também no fato de que cada dia elas estão sendo menos praticadas pelas crianças, algo que ela nota em seu país.

Segundo Cá (2020),

por muito tempo, os jogos foram associados ao teatro e os dois foram vistos por muitos pensadores, como por exemplo, Aristóteles, como uma forma de “descanso da mente”. Para esse pensador, os jogos não têm valor educativo, e muito menos poderiam servir para as práticas pedagógicas, enquanto que [sic] Huizinga, via os jogos como coisa “não séria”, uma perda de tempo. Tomás de Aquino, por sua vez, reconhece a relevância dos jogos apenas para fins de “relaxamento”, pois ajudava no descanso do corpo e da mente depois do trabalho intelectual ou braçal [...] (p. 3)

Apesar desta visão equivocada, que ainda está presente nos cursos de graduação em pedagogia, a autora trouxe também outros que acreditam na potencialidade das brincadeiras, como Hampaté Bâ (2010 citado por Cá, p.2). Ele relata que “os jogos infantis foram criados para transmitir conhecimentos aos mais novos ao longo dos tempos”. Para Civita (1978, p.120, citado por Cá 2020, p.2), os “jogos são instrumentos de ensino e aprendizagem”.

No artigo “*Kuma ku ta brinca na bu mininesa: A percepção dos estudantes guineenses e brasileiros(as) sobre os jogos e brincadeiras na infância*”, Yacine Tavares (2023) vai pelo mesmo caminho que Cá (2020) quando reforça a importância dos jogos e das brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na educação básica, apresentando os benefícios no processo de desenvolvimento cognitivo da criança; ao mesmo tempo, ela mostra como estes podem ser úteis nas práticas pedagógicas utilizadas com as turmas. Em sua percepção, para conseguir incluir os jogos e brincadeiras na educação infantil, é necessário que o(a) educador(a) conheça a realidade dos seus(as) educandos(as) e lhes proporcione momentos e atividades que vão despertar interesses na aprendizagem.

Segundo a autora, os jogos e brincadeiras são inerentes à infância e são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Seu objetivo principal foi observar a percepção dos(as) estudantes guineenses e brasileiros(as) da UNILAB Campus Malês em relação à importância dos jogos e brincadeiras, investigando como brincavam quando eram crianças. Através de um questionário de forma *online*, ela fez perguntas para convidar o(a) estudante a trazer suas memórias de infância e sua relação com os jogos e brincadeiras. Segundo a autora, o questionário *online* foi escolhido para recolher as informações por conta da pandemia COVID-19, que ainda assolava o Brasil e o mundo em 2022.

O nosso interesse em saber mais sobre brincadeiras africanas e afro-brasileiras deu-se justamente por perceber que tais ações possuem finalidades pedagógicas que podem e muito colaborar na escola desde a educação infantil” (Tavares, 2023, p. 11).

A autora informa ainda que, com esta pesquisa, a intenção era a de promover a integração entre os países, colaborando assim com a Lei 10.639/03 ao demonstrar como as brincadeiras apresentadas pelos(as) estudantes podem fazer parte das práticas pedagógicas para o(a) educador(a) de crianças pequenas nos dois países. Tavares afirma que “através dos jogos e brincadeiras, pode-se trabalhar várias áreas de conhecimento presentes nas instituições educativas, a

saber, matemática, biologia, geografia etc, estimulando o desenvolvimento das crianças"(p. 18).

Para Cá (2020) e Tavares (2022), as brincadeiras africanas e afro-brasileiras são muito importantes para o desenvolvimento das crianças na educação infantil pois colaboram para a socialização, expressão e interação com o mundo no qual elas pertencem, permitindo assim que elas construam seu processo de aprendizagem, restaurando através da cultura e memórias as brincadeiras. Cá (2020) apresentou uma pesquisa bibliográfica por meio de artigos com o tema escolhido e realizou também entrevistas semi estruturadas registradas em áudio, realizadas com quatro estudantes universitários guineenses residentes no Brasil; já Tavares (2022) apresentou uma pesquisa de campo baseada em entrevistas. Vemos que, nas duas pesquisas, as memórias dos(as) entrevistados(as) foram requisitadas e percebe-se que em quase todas as falas presentes no artigo as pessoas lembram-se de uma infância construída por muitas brincadeiras na comunidade em que viviam. Na pesquisa de Tavares (2023), em alguns momentos, vemos as mesmas brincadeiras serem citadas por estudantes de Guiné-Bissau e do Brasil, sendo que algumas brincadeiras mudam apenas o nome, mas a explicação é a mesma, como por exemplo a amarelinha (Brasil) e malia (Guiné-Bissau).

Ainda de acordo com as autoras, elas citam a importância dessas brincadeiras no desenvolvimento da criança na educação infantil, seus benefícios no processo de desenvolvimento cognitivo, relatando o quanto é importante a inclusão de brincadeiras africanas e afro-brasileiras para a prática pedagógica. Percebe-se que Cá (2020) e Tavares (2022) conversam com outros autores que enfatizam a importância de manter viva essas memórias como Bâ (2010), que segundo Tavares afirma que a memória é “tradição viva, a herança não se perde e a memória é o grande repositório de uma cultura e, por isso, entende-se que devemos dar importância às palavras e aos saberes” (p. 4).

As pesquisas apresentadas acabam por trazer a discussão sobre a importância da implementação da Lei 10.639/03 em nosso país, mas de acordo com Silva, Oliveira, Santos (2013), há muitas instituições educacionais que apresentam dificuldades para atender a Lei 10.639/03, e há aí a falta de preparo de alguns(algumas) educadores(as) e, em alguns casos a falta de interesse das escolas, que acabam dificultando a abordagem desse tema, pois não basta discuti-lo apenas nas datas comemorativas, como no dia da “Consciência Negra”: se faz

necessário oportunizar e instigar os(as) estudantes a conhecerem o tema. Cabe ressaltar que os currículos da educação brasileira sempre estiveram voltados para o eurocentrismo, se esquecendo/invisibilizando outras culturas e modos de saber/fazer, não permitindo que elas fossem abordadas e estruturadas nesses currículos (Mochi, 2019, p. 6). Essa dificuldade ou resistência de se trabalhar outras visões de mundo e, principalmente, as visões de mundo não europeias dentro das instituições educativas também se deve à formação do(a) profissional que irá atuar nesses espaços, como mencionado anteriormente.

O que as autoras apresentam como conclusão em suas análises vai ao encontro do debate sobre a educação das relações étnico-raciais e reforça, a partir da importância que dão às brincadeiras contextualizadas culturalmente, que demonstram como o desenvolvimento integral das crianças também está relacionado à valorização do seu pertencimento étnico-racial. No caso das crianças brancas e indígenas que frequentam a instituição, há a possibilidade de conhecer e aprender a partir da diferença, que é um lugar visto por Valter Silvério, como a possibilidade de realização da liberdade (Silvério, 2006).

Além disso, as autoras também se ocupam de apresentar vários exemplos e estratégias para a utilização dos jogos e brincadeiras africanos e afro-brasileiros em salas de referências de educação infantil, evidenciando como elas podem colaborar com a aprendizagem.

O estudo sobre as brincadeiras africanas e afro-brasileiras tem grande importância para a educação escolar brasileira, pois vai promover uma educação que reconhece e pratica a diversidade da cultura e história africana e afro-brasileira, contribuindo para formação de crianças mais vinculadas ao seu pertencimento étnico, o que colabora na construção da identidade. Para além disso, é importante reforçar que todas estas ações colaboram para a implementação da Lei 10.639/03 e toda a luta dos movimentos sociais negros para a garantia de uma educação infantil de qualidade sem racismo.

Considerações Finais

Neste texto, uma de nossas intenções foi reforçar o quanto é importante a prática da Lei 10.639/03, que traz a obrigatoriedade do ensino de história e cultura na educação, em especial a educação infantil. Após pesquisa realizada em todos os repositórios digitais federais baianos, encontramos dois

trabalhos de conclusão de curso depositados na UNILAB em 2021 e 2022 que trazem as brincadeiras africanas e afro-brasileiras como parte importante da educação infantil, o que demonstra uma ausência do estudo sobre o tema nos cursos de pedagogia do estado da Bahia.

É perceptível, assim, a falta de pesquisas voltadas para este tema, mesmo com a obrigatoriedade da Lei 10.639/03, o que em tese deveria impulsionar trabalhos de conclusão de curso com estes temas. Não se nota a importância que deveria ser dada para que a lei seja implementada; ainda que saibamos que pode haver trabalhos que não foram encontrados, o tamanho da lacuna apresenta um problema a ser encarado de frente por estudiosas(os) das relações étnico-raciais na educação. Apesar disso, nos dois trabalhos encontrados, um achado importante e que deve ser destacado é a certeza de que jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras podem colaborar com a vinculação das crianças negras ao seu pertencimento étnico-racial e oferecer às demais crianças uma possibilidade de conhecer e aprender com diferença.

Concluimos assim, que é mais do que urgente fomentar os estudos sobre temas ligados à educação das relações étnico-raciais e ensino da cultura africana e afro-brasileira desde a graduação e especialmente para a educação infantil, que por vezes não recebe o mesmo destaque que as demais etapas da educação básica. Sem apresentar a EREER e as formas de superação do racismo nas instituições de educação infantil, a formação da(o) pedagoga(o) será prejudicada e, com isso, também as crianças brasileiras, negras ou não.

Referências

ALVES, Álvaro Marcel Palomo. **A história dos jogos e a constituição da cultura lúdica**. Revista Linhas, v.4, n.1, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1203>. Acesso em: 31 mar. 2025.

ARAÚJO, Débora Cristina de. **As relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BxCZKXwnP7YjztvMNj5CdGM/?format=pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia. **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira**. São Paulo, SP. Instituto Alana, 2023. Disponível em: <https://encr.pw/juXoz>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL. **Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996** (Lei de Diretrizes e bases da educação nacional). Brasília, DF: MEC, SEF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL. **Lei n. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998, Vol. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br>seb>arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, SEB, 2004. Disponível em: <https://acesse.one/PhS8E>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025.

CÁ, Natália Ernesto. **Kuma ku nó pudi aprendi na djugos ku brincadeiras de Guiné-Bissau: possibilidades de ensino/aprendizagem**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1842>. Acesso em: 31 mar. 2025.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil**. Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 60 jan.-mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/3wGn9QPBWTpfHLsKvtz4tRB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mar. 2025.

DIAS, Lucimar Rosa. **Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo**. Revista Brasileira de Educação, v.17 n.51 p. 661-749, set./dez. 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v17n51/v17n51a10.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

DIAS, Lucimar Rosa DIAS; XAVIER, Lucia Helena; SILVA, Valéria Pereira da SILVA. **Mojú-Mò - Análise Crítica de Narrativas e Atribuição De Sentidos (ACNAS): O Grupo de Pesquisa Erêyá Empretecendo a Metodologia Científica**. Rev. @mbienteeducação, São Paulo, v. 18, n. 00, e025012, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/1356>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino; LIMA, Aristeu Rosendo Pontes; SANTOS, Tomaz Aroldo da Mota. **UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira: o Desafio De Uma Experiência Acadêmica Na Perspectiva Da Cooperação Sul-Sul**. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4457>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; ANDRADE, Tatiane de. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula**. In: Revista Latino-Americana de História. Vol. 2, nº. 6, 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/205/159>. Acesso em: 31 mar. 2025.

HEYWOOD, Linda M.(org.) **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2023: Resumo Técnico**. Brasília: INEP, 2023.

KARASCH, Mary. A vida dos escravos no Rio de Janeiro. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

MARINHO, César; MARTINS, Edna. **Educação Infantil e relações étnicoraciais: impactos da formação docente nas práticas educativas**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 13, n. 34, 2016, 42-63. Disponível em: <https://l1nq.com/6Noej>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MOCHI, Elaine Aparecida dos Santos. **Jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras no Espaço Escolar**. v.03, n. 01, jul. 2019. Disponível em: <https://dcs.uem.br/neiab/revista-neiab/artigo-3.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025

NUNES, Míghian Danae Ferreira; PINTO, Helen Santos. **Na escola se brinca!** Brincadeira das crianças quilombolas na educação infantil. Curitiba - Brasil, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dRLQGoIe4GirWRcsdaj23QNDwuDFydZI/view>. Acesso em: 31 mar. 2025

NUNES, Míghian Danae Ferreira; SILVA, Luciana Soares da; PINTO, Helen Santos (Orgs.). **Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras**. São Paulo. Aziza Editora, 2022. Disponível em: <https://encr.pw/bPazh>. Acesso em: 31 mar. 2025.

OLIVEIRA, Dulcineia Baldin. **A importância do brincar na educação infantil**, 2016. Monografia (especialização) Digital. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/53185>. Acesso em: 31 mar. 2025

SANTOS, Veronice Francisca; SANCHES, Isabelle. **Educação e Saúde: Perspectivas para a Autoestima de Crianças Negras no Processo de Escolarização**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano IV, Nº 7, Julho/2011, 72-86. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/download/88796/91682>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVA, Flávia Carolina da. **Educação das relações étnico-raciais na educação infantil: caminhos necessários para uma educação antirracista**. *Revista Da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 12(33), 2020, 66–84. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1003>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVA, Samuel Moraes. PETIT, Sandra Haydée. **Tecendo brincadeiras africanas e afro-brasileiras na escola: Uma proposta pedagógica para implementação da Lei 10.639/2003**. 2023. Ceará, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/download/74041/49494/301953>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PIAGET, Jean. **A Formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo, Sonho, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SILVA, Severino Ramos Santana da; OLIVEIRA, Livia do Nascimento; SANTOS, Julio César Pereira dos; GOIS, Doracy Montenegro de. **Da lei ao ensino: Dificuldade e Desafios de se aplicar à Lei 10.639/03**. III Congresso Nacional de Educação (CONEDU), Natal, RN, 2016. Disponível em: <https://encr.pw/YJqAK>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVÉRIO, Valter. **A diferença como realização da liberdade**. In: ABRAMOVICZ, Anete BARBOSA, Lucia Maria de A.; SILVÉRIO, Valter Roberto. *Educação como prática da diferença*. Armazém do Ipê, 2006.

SOUZA, Angelica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Sarama ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p. 64-83/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SCHIESSL, Marlina Oliveira. **Artefatos culturais de matriz africana e afro-brasileira no cotidiano da educação infantil: uma análise de produção científica (2003-2021)**. Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/85810>. Acesso em: 31 mar. 2025.

TAVARES, Yacine Henriques. ***Kuma ku ta brinca na bu mininesa: a percepção dos(as) estudantes guineenses e brasileiros(as) sobre os jogos e brincadeiras na infância***. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3008>. Acesso em: 31 mar. 2025.

VIEIRA, Luciene de Fatima Dantas. **O uso dos descritores no ensino de leitura: uma proposta de intervenção pedagógica**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras/ CN) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23487> Acesso em: 31 mar. 2025.